



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

### **PERSPECTIVAS DE UMA LITERATURA PÓS-AUTÔNOMA EM MARCELINO FREIRE**

Maria Dnalda Pereira da SILVA  
Mestranda em Literatura e Interculturalidade - UEPB

#### **INTRODUÇÃO**

Pensando a literatura enquanto um “território contestado” (Delcastagné, 2012), vista dessa forma desde os tempos que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até os dias de hoje, atentamos para a literatura contemporânea brasileira na figura de Marcelino Freire, escritor pernambucano, considerado um dos principais nomes da nova geração de escritores. É contestando o território literário, que colocamos em jogo a possibilidade de enxergar a literatura como espaço para dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível, e não ficar presa apenas a questões de estilos ou escolhas de repertórios.

Nesse sentido, cabe pensar a literatura de Marcelino Freire por uma perspectiva que permita enxergar a presença de vozes marginalizadas a partir dos personagens, do narrador e das posições de quem fala. Além disso, seus textos, mais especificamente, seus contos (Contos Negreiros), nos permitem refletir sobre o próprio conceito de conto, no que toca aos seus elementos estruturais, aos personagens, a estrutura, o foco narrativo, a linguagem. Assim, objetivamos problematizar o próprio conceito de conto, analisando como a escrita de Marcelino Freire pode configurar-se enquanto literatura pós-autônoma.

#### **DISCUSSÕES SOBRE A PÓS-AUTONOMIA LITERÁRIA EM MARCELINO FREIRE**

Hoje os autores buscam espaço, na luta pela legitimidade, o que nos faz perceber a presença de vozes, vozes diversas, vozes, segundo Regina Dalcastagné (2012, p 07), “não-autorizadas”, com uma abertura de novas perspectivas, novas formas de pensar a literatura, no que diz respeito à especificidade do discurso literário em relação aos demais discursos.

A autora afirma que não se pode pensar em literatura contemporânea sem movimentar um conjunto de problemas. Além disso, entra em cena o estabelecimento de hierarquias que



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

dita as regras não apenas da sociedade, mas também no campo literário, apontando quem pode ou não escrever. É justamente a não concordância com essas normas que implica “avançar sobre o campo alheio, o que gera tensão e conflito.”

Diante disso é que vemos a necessidade de se discutir, de se refletir como a literatura brasileira contemporânea e os estudos literários se situam nesse campo de tensão, nesse jogo de forças, atentando para o modo como se elabora a tensão resultante desse embate.

Nesse cenário, enxergamos as literaturas pós-autônomas como aquelas que não cabem unicamente leituras literárias, um conceito, na verdade provocador, onde o que mais importa não é perceber se o texto se instala na realidade ou na ficção, mas perceber como ele se instala localmente em uma realidade cotidiana para, como destaca Ludmer (2007), “fabricar um presente”.

Nesse esteio, vemos o conto “Linha de tiro”, de Marcelino Freire, presente na coletânea *Contos Negreiros*. O referido conto é composto apenas por um diálogo entre uma senhora e um possível assaltante, diálogo esse marcado por um desentendimento, pois enquanto o rapaz que estava no ônibus tentava assaltar, a senhora se faz de desentendida e, o que vemos, na verdade, não é um diálogo, mas uma falta de diálogo. Um jogo de discursos diferentes surgido a partir de uma cena do cotidiano, tendo como pano de fundo um ambiente comum a grande maioria da população: o ônibus. Neste conto, notamos a ausência do narrador, o que já “quebra” com as regras tradicionais do conto, não possuindo a estrutura canônica. O que importa é a presentificação, tendo em vista o momento, o aqui e agora como cena literária. Vemos, pois, que a partir da realidade, cria-se uma ficção, mas de forma que ambas se interrelacionam, não cabendo um estudo em que se desconsidere a realidade cotidiana, nem muito menos, os aspectos ficcionais próprios da literatura.

Por meio da leitura desse conto, percebemos que o que se pode entender por literatura pós-autônoma está voltado para a ideia de que não cabe mais não cabe mais pensar tradicionalmente em relação a nossa literatura, mas, sobretudo enxergar uma prosa de ficção brasileira contemporânea com atenção deslocada dos modelos e conceitos tradicionais, no que diz respeito aos aspectos formais, temáticos e estruturais.

Assim, trata-se de uma literatura que não pode ser lida apenas por um viés estético/literário, pois “são e não são literatura ao mesmo tempo, são ficção e realidade”.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Desse modo, trata-se de uma literatura que exige novas formas de produção, novas leituras, e é nesse sentido que se torna pós-autônoma, uma vez que, como afirma a própria Ludmer em entrevista concedida em 2012, à Revista Valor Econômico online, essa literatura diz respeito àquela que sai do cerco literário, marcada por princípios literários, como os do modernismo. Está, pois voltada à uma investigação histórica, uma biografia, uma crônica, um testemunho e por isso, modifica tanto o livro, como a forma de ler, gerando um regime de autonomia em vários sentidos. Assim, essa literatura estaria marcada por um novo posicionamento da crítica, que percebe o livro como uma mercadoria, onde a famosa máquina de escrever “perde” lugar para o computador. Com temas dos mais diversos, desde a natureza, ao insólito, ao universo da cibercultura, indo muito além dos grandes clássicos dos anos 1960, por exemplo. Além disso, há de se considerar que na pós-autonomia, temos muitos “escritos provisórios”, que não necessariamente são eternizados. É por isso que se pode afirmar, ainda nas palavras da autora, que temos uma “literatura dessacralizada”, considerada mais simples do que aquela dos anos 60.

Nessa mesma entrevista, Ludmer afirma que pensar em “pós” não implica uma quebra, um rompimento com a literatura anterior a esta, mas na verdade, “uma ambivalência e com “antes” e “agora” claramente definidos.”

É nesse sentido que entra em cena a escrita de Marcelino Freire, que enxergamos enquanto literatura pós-autônoma, uma literatura que abarca a multiplicidade da sociedade pós-moderna.

Pensar numa literatura com tais aspectos, implica pensar em questões relacionadas ao Pós-modernismo, que opera num campo de constante tensão entre as tradições e inovações, indicando o convívio das diferenças na literatura. Entretanto, cabe ressaltar que não implica numa escola literária, pois outras questões merecem atenção, como por exemplo a globalização, que acarretou uma homogeneização do gosto, das expectativas e do consumo, atingindo o imaginário e as práticas culturais em conflito com a diversidade e pluralidade que se instaura no pós-moderno. Assim, configura-se uma luta entre a afirmação da identidade cultural e a imposição uniformizadora e homogeneizante.

Neste cenário surgem elementos que ganham destaque, como a concepção de cultura caracterizada como fenômeno de hibridização. É o hibridismo propício à investigação da co-



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

produção cultural entre nós, pois se nota um discurso anti-hegemônico, no qual aparecem recursos que dão formas múltiplas à criação literária contemporânea: a apropriação da ironia, a irreverência diante do politicamente correto, a violência explícita, dicção personalizada, a arrogância da juventude, a maturidade altamente intelectualizada, escrita oriunda das experiências acadêmicas, dentre outros.

Outros aspectos dessa literatura pós-autônoma e que podemos visualizar nos contos de Marcelino Freire diz respeito à qualidade da escrita, a presença do tema da violência, o retorno ao trágico e da cidade, bem como a presentificação, com o destaque para o aqui e agora. São marcas de uma literatura que se apresenta múltipla em seus aspectos temáticos e formais. Nesse sentido, vemos a multiplicidade como heterogeneidade, revelando-se na linguagem, nos formatos, na relação que busca com o leitor e extrapolando as margens do papel, invadindo o mundo virtual.

Destacamos o conto “Nação Zumbi”, onde mais uma vez nota-se a “quebra” dos padrões tradicionais do conto. Aqui os personagens não são nomeados, o que nos faz pensar que se quer na verdade fazer uma “representação” daqueles que vivenciam a situação contada. Seria uma espécie de “muitos Severinos” da vida. O conto trata basicamente de uma negociação: a venda de um rim para traficante de órgãos, que é interrompida. É justamente o impedimento da venda do seu órgão que deixa o personagem indignado, frustrado por não ter a possibilidade de mudar de vida, pois acreditava que com o dinheiro da venda do órgão poderia ter uma vida melhor. Porém, o que chama a atenção é a pobreza, a vida miserável em que esse personagem vive, o corpo como moeda. Assim, Zumbi estaria aqui no sentido de “morto-vivo”, um ser que como o próprio conto mostra, não é dono do seu próprio corpo, pois é impedido de vender seu rim, mas, na fala do próprio personagem: “vão encher meu pobre rim de soco” (FREIRE, p. 55).

Vemos neste conto traços que, segundo Ludmer (2007), marcam a literatura pós-autônoma, como a presença da pobreza, o trabalho com a própria realidade, onde se interrelaciona com a ficção, pois sabemos que de fato existem os traficantes de órgãos.

Diante disso, pensamos que a literatura atual desenvolve-se num campo de constante tensão entre a tradição e as inovações, indicando o convívio das diferenças, do híbrido, num



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

ambiente onde aparecem recursos que dão formas múltiplas à criação literária contemporânea com aspectos peculiares, como o uso da ironia, a violência, a crítica ao politicamente correto.

Notamos nos contos de Marcelino Freire alguns aspectos dessa literatura pós-autônoma, tais como a questão da violência marcada pela presentificação e a predominância do trágico, com a inserção do autor nas grandes cidades, com uma literatura que toma novos espaços e abre novos diálogos com o cotidiano. A cidade é assim apresentada como *lócus* de conflitos urbanos e privados, com uma invasão da vida e os comportamentos dos indivíduos.

É nesse espaço, com narrativas que tematizam a violência nas cidades, por exemplo, que reside a possibilidade inovadora no quadro da produção literária, uma violência que por vezes, a violência é apresentada como um objeto distante, um objeto estético, como se pudéssemos observá-la numa espécie de arena.

Aqui podemos pensar o conto “Solar dos príncipes”, onde narra a chegada de um grupo de negros que intentam gravar como é a vida da classe média, mas são maus entendidos pelo porteiro do prédio, que apesar de ser negro, como eles, adota uma postura preconceituosa, o que nos faz pensar os inúmeros estereótipos do negro. Neste conto, tudo o que os personagens falam é mal interpretado pelo porteiro. Nesse mal entendido vemos o jogo de palavras, quando, por exemplo, o grupo diz ter ido gravar “um longa-metragem” e o porteiro pensa imediatamente em “metralhadora”, imagina os negros armados até os dentes e ao se falar em “entrar num apartamento”, o porteiro desespera-se e pensa logo que na verdade o grupo pretende sequestrar alguém e por isso acaba chamando a polícia. O conto, pois, acaba de forma cotidiana, no sentido de mostrar preconceito contra o negro e entram em cena “a sirene da polícia. Todo filme tem sirene de polícia. E tiro. Muito tiro” (FREIRE, p.26).

A representação da violência, o que mais uma vez, mostra a relação com o cotidiano pode ser observada no conto “Esquece”, que na verdade, não chega a narrar nenhum episódio, mas traz reflexões da violência vivenciada cotidianamente. Aqui, mais uma vez, notamos a íntima relação entre ficção e realidade, formando o que Ludmer (2007) chama de “realidadeficção”.

No que diz respeito à literatura pós-autônoma, Ludmar propõe o termo “*realidadeficção*” para pensar numa nova forma de escrita literária, surgida na contemporaneidade, abarcando o real e o ficcional simultaneamente. Em relação a isso,





## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

destacamos que além de configurar-se dessa maneira, a literatura pós-autônoma nos possibilita enxergar a configuração de um novo paradigma de leitura, que traz a possibilidade de abordar textos literários como simultaneamente reais e ficcionais.

Os contos de Marcelino Freire problematizam o próprio conceito tradicional de conto, o que nos remete a ideia de pós-autonomia da literatura, pois o conto continua sendo conto, mesmo que as categorias tradicionais não abarquem as produções contemporâneas. Assim, não é que não existam contos modernos, mas as categorias literárias clássicas são comportam as produções contemporâneas que requerem um novo posicionamento da teoria literária e essa nova postura pode ser vislumbrada a partir na noção de literatura pós-autônoma. Assim, entra em cena não o conto, apenas enquanto gênero literário autônomo, mas a arte de narrar, que se torna, nesse sentido, pós-autônoma.

Vemos que os limites do conto são relativizados na escrita de Marcelino Freire, pois este apresenta textos de fronteiras por vezes diluídas entre o conto e a poesia, entre o conto e a crônica ou entre o conto e a linguagem popular dos cordéis, da oralidade, não cabendo uma separação rígida entre os gêneros literários. O contista joga tanto com as palavras, como já elucidamos, como também com os gêneros literários e com a própria estrutura do conto.

Muitos contos de seus contos nada contam com precisão, mas apenas perguntam, provocam, sem que as estruturas da contística moderna sejam respeitadas ou levadas em conta, como podemos ver em “Trabalhadores do Brasil”. Vemos neste conto que está em jogo não a preocupação em narrar algo em si, de se contar algo a alguém, mas sim em lançar-se ao leitor, interrogá-lo, provocá-lo. Esse jogo dialógico com o leitor pode ser percebido na pergunta “ta me ouvindo bem?”, marcadamente presente em todo o conto, como uma espécie de refrão. Além das indagações ao leitor, vemos também uma resposta direcionada também ao leitor diante dos questionamentos, das reflexões e indagações presentes, aparecendo também como um estribilho, com uma resposta direta ao leitor, com a expressão: “Ninguém aqui é escravo de ninguém”.

Diante disso, vemos que esse conto não pode ser enquadrado dentro dos limites e amarras do conto moderno, pois se indagarmos sobre a história contada, não teremos uma resposta, ou melhor, fiaríamos na imprecisão, pois se trata de um conto marcado por



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

sentenças interrogativas e vão levando o leitor a refletir e lhe preparando a chegar na reposta: “Ninguém aqui é escravo de ninguém”.

No conto “Totonha”, apesar de aparentemente assemelhar-se com “Esquece” e com outros contos de Freire, em que uma voz discursa sobre determinada coisa, notamos uma maior evidência de uma lógica narrativa e de um discurso em que podemos notar a presença, mesmo quase invisível, de um interlocutor, o que caracteriza a técnica em monólogo e personagem protagonista próprios da contística moderna, próprios do narrador moderno.

Isso evidencia que os contos contemporâneos não tentam “acabar” com o conto moderno, tirar sua legitimação, mas marca um diálogo com a tradição e os avanços pós-modernos, o que mostra que Marcelino Freire joga com a própria estrutura do conto, com o próprio conceito do gênero, mostrando que seu texto não precisa se apresentar, necessariamente, na estrutura padronizada de conto para ser considerado como tal.

No conto Trabalhadores do Brasil, apresentado como “Canto primeiro”, o autor faz referência aos homens e mulheres que trabalham todos os dias em seus empregos com condições sub-humanas como única forma de sobrevivência. Além disso, notamos que Marcelino Freire traz nas entrelinhas do texto literário a voz dos marginalizados, daqueles que foram postos à margem de uma sociedade predominantemente.

Em Solar dos Príncipes percebemos, muito forte, a presença de lugares e indivíduos marginalizados, uma vez que as personagens só são nomeadas já no final do conto, quando eles vão contar o empenho de cada um no trabalho almejado. A opção de não nomear as personagens no início do conto, pode ser uma maneira que o autor encontrou de representar todos os indivíduos que enquadram-se nos “grupos” sociais presentes na narrativa.

Focando no lugar de fala, atentamos a “literatura enquanto espaço de representação, “espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocaram, o que nos faz pensar o lugar ocupado por quem fala e que ele representa, atentando para o silêncio dos marginalizados, que é coberto por vozes que se sobrepõem a ela, vozes que buscam falar em nome deles, mas que por vezes esse silêncio é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Nesse cenário tensões significativas se estabelecem entre a voz autoral e a representatividade de grupo e entre o elitismo do campo literário e a necessidade de



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

democratização da produção artística. Assim, entra em cena a noção de representação, que está voltada para a “diversidade de percepções do mundo.

Nesse sentido, há de se refletir que as perspectivas sociais que refletem os diversos posicionamentos das pessoas posicionadas diferentemente na sociedade que possuem experiências, histórias e conhecimentos sociais, são homens, mulheres, negros, brancos, velhos, novos, homossexuais, heterossexuais, enfim, pessoas sociais diferentes que vão expressar o mundo de diferentes maneiras.

Os contos de Marcelino apresentam um narrador que ora se distancia do fato narrado, ora adentra ao próprio universo dos acontecimentos, gerando assim, um tenso diálogo. Trata-se de um narrador suspeito que estão a todo tempo envolvidos com o que contam. Além disso, ao se pensar em narrador, nos vem à mente o leitor, dois sujeitos que não estão envolvidos apenas com a matéria narrada, mas em desvendar os pormenores do texto literário, esclarecendo nossos mecanismos de adesão ao mundo social e afetivo, como bem destaca a autora. Nesse sentido, o leitor entra em cena e não apenas a observa de fora. Ele torna-se personagem de um discussão.

Vemos na obra de Marcelino Freire um grito que indica a necessidade de democratização da literatura, ou melhor, do processo de produção literária. Para tanto, é necessário um leitor desconfiado do que ler, mais atento às entrelinhas e aos preconceitos embutidos no texto.

Entra em cena uma preocupação com a diversidade de vozes que não pode ser observado apenas como um eco de modismos acadêmicos, mas algo com importância política, tendo em mente que lugar de representação repercute no debate político, pois pode permitir um acesso à perspectiva do outro. Além disso, faz-se necessário o reconhecimento de valores e experiência de grupos diversos.

Notamos, nos contos de Marcelino Freire, a presença e os contatos de diferentes estratos sociais (negros, brancos, mulheres, pobres). Porém, temos que pensar como é dado esse “contato”, pois quando aparecem são marcados pela violência, pela falta de reconhecimento do outro.

Presenciamos a criação de um discurso que se sustenta na afirmação da diferença e da resistência retratadas nas personagens. O processo de construção discursiva de Freire almeja





## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

produzir uma fala que objetiva compreender as situações narradas a partir da lógica do sujeito representado.

Marcelino Freire muda o foco e os papéis, nos mostrando que subverter os papéis sociais, mesmo que ficcionalmente, aponta para novas formas de intervenções discursivas que podem ser protagonizadas por estes sujeitos silenciados.

Nada mais atual que a incorporação dos discursos contrários e favoráveis aos movimentos sociais como o faz a literatura contemporânea, com referências a ambientações conhecidas, a literatura dos marginalizados e que procura criticar os preconceitos que escamoteiam a sociedade brasileira majoritariamente branca, cristã e preconceituosa.

Destacamos que a “escritura diaspórica” de Marcelino Freire atravessa as fronteiras da literatura, da ficção, onde a realidade cotidiana já é a pura representação. Assim, os sujeitos literários ocupam lugares dentro e fora dos territórios da realidade e da ficção.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Atentando para a escrita de Marcelino Freire enquanto escritor que destoa do princípio canônico, centramos nossa atenção em como a escrita desse autor pode ser percebida enquanto literatura pós-autônoma, a fim de

Desse modo, nosso artigo refletiu de forma consistente os problemas relacionados ao lugar de fala do sujeito literário, seja ele autor, narrador, personagem, para tentar entender esse estreito espaço de onde se olha e se constrói o mundo, as estratégias discursivas que envolvem diferentes procedimentos estéticos e os mais diversos interesses políticos.

Nesse sentido, buscamos atentamos para os contos de Marcelino Freire, de forma a destacá-los como uma configuração da literatura pós-autônoma, na intenção de pensar categorias literárias a partir de uma perspectiva pós-moderna. Assim adentramos ao universo do narrador e seu comportamento nessa literatura, atentando para como ele constrói a si mesmo, por isso, pós-autônoma, e quais as estratégias para conquistar a adesão dos leitores. Além disso, atentamos para o modo como o espaço é descrito nessa literatura que se quer pós-autônoma, qual a sua relevância dentro do texto literário e em sua relação com o universo social, desvendando como esses espaços se constituem dentro da narrativa de Marcelino Freire.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Desse modo, vemos o espaço não apenas como categoria literária, mas como espaço social ocupado pelos personagens dentro dos contos, buscando compreender como esses espaços são construídos de forma a servir à definição das personagens e suas relações com o tempo circundante.

Ainda pensando nos aspectos que merecem destaque ao se considerar a produção *Contos Negreiros*, de Marcelino Freire, enquanto literatura pós-autônoma, destacamos a temática tratada, a representação dos grupos marginalizados. A margem configura-se como um local sócio-cultural considerado “inferior” e é utilizado para isolar grande parcela da sociedade que se encontra fora de suas “normas” e “leis”.

Vemos, pois que os contos de Marcelino Freire nos ajudam a pensar a literatura pós-autônoma, considerando que se trata de uma literatura que poderia representar o fim do ciclo da autonomia literária, pois ao se tornarem escritas diaspóricas, atravessam as fronteiras da literatura e da ficção, ficando entre essas fronteiras. Quando se fala em autonomia literária implica em “especificidade e auto-referencialidade, e o poder de nomear-se e referir-se a si mesma.”

### **REFERÊNCIAS**

BERTOL, Rachel. Entrevista com Josefina Ludmer para a **Revista Valor Econômico on-line**, 09/12/2011. Disponível em: <http://zelmar.blogspot.com.br/2011/12/literatura-nao-e-mais-sagrada.html>. acesso em: 14 de junho de 2014

FREIRE, Marcelino. *Contos negreiros*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

LUDMER, Josefina. Literatura pós-autônomas. *Revista de Crítica literária y de cultura*, n. 17, julho de 2007. Disponível em: [www.culturaebanarie.com.org/sopro](http://www.culturaebanarie.com.org/sopro).

NETO, Godofredo de Oliveira. O Pós-pós: novos caminhos da prosa brasileira no século XXI. Disponível em: [www.teialiteraria.com.br](http://www.teialiteraria.com.br). Acesso em: 14 de março de 2014.